

FORMAÇÃO DOCENTE EM E PARA EAD

Julho/2008

Daiana Trein – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS -
daianatrein@hotmail.com

Ederson Luiz Locatelli - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS -
locatellisj@gmail.com

Profa. Dra. Eliane Schlemmer – Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS – elianes@unisinobr

Categoria: Métodos e Tecnologias

Sector: Educação Continuada em Geral

Natureza: Descrição de Projeto em Andamento

Classe: Experiência Inovadora

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre a formação docente no contexto da Educação a Distância - EaD, em e para a EaD, propondo uma reflexão com base nos aspectos históricos, paradigmáticos e epistemológicos que perpassam esta modalidade de ensino. Inicia com a conceituação de Educação a Distância, bem como a definição de “em” e “para” EaD e, depois, descreve os grandes momentos da modalidade. Em seguida, aborda os paradigmas dominante e emergente da educação e sua influência nos processos de ensino e de aprendizagem. Também, discute-se as novas formas de ensinar e aprender e as implicações para a prática docente e para o processo de mediação. Para concluir estabelece relações entre a formação “em” e “para” EaD, como sendo ambas fundamentais ao processo de formação docente, no contexto da oferta qualificada de EaD.

Palavras-chave: educação a distância, tecnologias digitais, formação de professores, interação, aprendizagem.

1- Introdução

A difusão das tecnologias de informação, de comunicação e de interação provocam mudanças na forma como o sujeito se relaciona com o conhecimento, o que impacta significativamente no campo educacional. Novas formas de ensinar e de aprender estão sendo discutidas, no contexto da EaD, que não é nenhuma novidade, mas que adquire novas características quando associadas as tecnologias digitais virtuais emergentes - TDVEs.

Atualmente, a EaD no Brasil, tem tomado novas proporções, facilmente observadas com a regulamentação das políticas de EaD¹ a criação da Universidade Aberta do Brasil – UAB², o Pró Licenciatura³, a recente

divulgação dos resultados do ENADE⁴ e também com a criação de cursos em nível de graduação em universidades federais e particulares, além de uma infinidade de ofertas de cursos em nível de pós-graduação. Essa modalidade de ensino, que durante muito tempo esteve a margem do sistema educativo, está agora em evidência.

Esta evidência nos faz refletir a cerca dos processos históricos pelos quais a EaD transitou até chegar ao estágio atual, bem como sobre os paradigmas que a acompanharam nesse processo. Faz-nos pensar ainda sobre o ensinar e o aprender, na interação entre os sujeitos envolvidos e, principalmente, na formação docente em e a para uma educação significativa e “sem distâncias”.

Este artigo surge no contexto da disciplina “EaD: Limites e Possibilidades” do curso de Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, como uma reflexão do processo de formação docente, perpassado pelo estabelecimento de relações entre a vivência enquanto sujeito de um processo formativo a distância, a fundamentação teórica baseada em pressupostos epistemológicos e educacionais e nas necessidades de transformação e de repensar a função do professor inserido nesta modalidade educacional.

2 - Conceituando EAD: ... “em” e “para” a EAD

Ao falarmos de formação de professores, surge uma série de questionamentos e discussões. Quais são as melhores formas de fazer educação? Quais as metodologias mais adequadas? Dentre outras. Buscamos neste artigo especificamente discutir a formação docente EM educação a distância e PARA a educação a distância. Mas o que é educação a distância? E formação “em” EaD e “para” EaD,?

A EaD pode ser compreendida como uma forma sistematizada de educar por meios que possibilitam a comunicação e a interação em tempo e espaços diferentes entre o professor e o aluno. Conforme Otto Petters, apud [1]

O ensino/educação a distância é um método de distribuir conhecimentos, habilidades e atitudes, mediante a aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, bem como pelo uso extensivo de meios técnicos, especialmente com o objetivo de reproduzir materiais de ensino de alta qualidade, que possibilitam instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo e onde quer que eles vivam. É uma forma industrial de ensinar e aprender. [1]

Segundo [2] EaD

é um processo que enfatiza a construção e a socialização do conhecimento; a operacionalização dos princípios e fins da educação, de forma que qualquer pessoa, independente do tempo e do espaço, pode tornar-se agente de sua aprendizagem, devido ao uso de materiais diferenciados e meios de comunicação, que permitam a interatividade (síncrona ou assíncrona) e o trabalho colaborativo/cooperativo. [2]

No decreto⁵ n° 5.622 da legislação brasileira, a definição de EaD é uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Conforme [3] “em” é uma preposição que exprime idéia de lugar onde se está, tempo em que algo se sucede, modo de ser etc. Ainda segundo o

mesmo autor, “para” é uma preposição que indica sentimento, julgamento, opinião de alguém e também lugar, sentido, direção etc.

Assim, podemos dizer que a formação de professores **em** EaD, refere-se aos sujeitos que estão sendo formados nesta modalidade educacional e que não necessariamente atuam nela. Já a formação de professores **para** EaD refere-se aos professores que estão sendo formados com a finalidade de atuar nesta modalidade de ensino, sendo este o principal foco do processo formativo.

Compreendemos que a formação de professores “em” e “para” a EaD passa por diversos espaços, tanto históricos, quanto paradigmáticos. Portanto, para discutir sobre estas questões, aprofundaremos nossas reflexões sobre as diferentes gerações de EaD e suas características de interação, metodologias, paradigmas educacionais, ensino e aprendizagem e também a mediação e interação nos ambientes de EaD.

3 - Gerações da EaD: da imprensa aos Mundos Digitais Virtuais 3D - MDV3D

A EaD surge como uma nova possibilidade, com particularidades, que buscam permitir o acesso a educação a um número maior de pessoas, democratizando o ensino. Assim, é fundamental conhecer seu processo evolutivo, não esquecendo que ela não é algo novo e tampouco teve sua origem nas tecnologias digitais que conhecemos.

Alguns teóricos, tais como [4] afirmam que as cartas do Apóstolo Paulo podem ser consideradas como precursoras da EaD. No entanto, essa era uma forma de comunicar e não educar, pois um processo educativo exige uma mediação pedagógica, um processo de orientação e acompanhamento do aluno por parte do professor, e uma sistematização do processo de ensino e aprendizagem.

A história da EaD pode ser classificada em três grandes momentos: o surgimento da imprensa; o surgimento das novas mídias, com a difusão do rádio e TV e o surgimento da Internet.

Surgimento da Imprensa: A imprensa foi a primeira grande tecnologia que propiciou a EaD, porém ela se efetiva com o surgimento dos sistemas de correios e a expansão de redes ferroviárias. O objetivo pedagógico era atingir os menos favorecidos, por meio de cursos por correspondência. Os alunos tinham acesso a um material impresso com guias, instrução programada e auto-avaliação. A interação ocorria apenas entre aluno e material didático e a avaliação era qualitativa.

Novas mídias: difusão do rádio e TV: Ampliam-se as possibilidades da EAD com o surgimento de novas mídias, tais como o rádio e a TV, que possibilitaram a, mais pessoas terem acesso a informação em locais diferentes e tempo, tanto síncrono, como assíncrono. Nesse contexto, surgem os programas via rádio e TV, audioconferência, fitas de vídeo, dentre outros, dando origem as primeiras Universidades Abertas de EaD. A interação ocorre entre aluno e material didático, e as possibilidades de comunicação com o professor estendem-se por meios eletrônicos pré-agendados.

O surgimento da Internet e as possibilidades da web 1.0, web 2.0 e os MDV3D (geração atual, considerada por alguns teóricos como web 3.0): Com a disseminação dos computadores e o surgimento da internet, ampliam-se os horizontes e as possibilidades da EaD. Este período é composto por muitas transformações. Com a invenção da World Wide Web (WWW) que

significa rede de alcance mundial, as diferentes mídias integram-se e efetivam-se em conjunto. Surgem as primeiras experiências, no contexto da Web 1.0, onde a principal preocupação da EaD consistia no conteúdo, na forma como esse era organizado, produzido e disponibilizado para ser “consumido” pelo sujeito. Este modelo sofreu transformações em função da evolução da Web 1.0 para a Web 2.0, tornando-se mais significativo para o usuário, possibilitado pela popularização da banda larga e desenvolvimento de linguagens novas [5]. Enquanto a base da web 1.0 se alicerçava nos navegadores que permitiam acesso a conteúdos e produtos fechados e pré-organizados e a EaD se “materializava” pelos cursos ofertados no contexto de Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVAs, a Web 2.0, propicia o crescimento e desenvolvimento da comunicação, os softwares deixam de ser especializados e passam a ser serviços e espaços, onde os sujeitos podem construir o conteúdo, ser autor, produtor e não somente consumidor de um conteúdo pronto, como é o caso do Youtube, Orkut, os blogs, wikis etc. O princípio da Web 2.0 é a colaboração e a cooperação

Os MDV3D – mundos digitais virtuais 3D surgem como uma nova possibilidade para a EaD, pois além de integrar diferentes tipos de recursos integram ainda as diferentes ferramentas da web 2.0.

Assim, A EaD é um processo e exige pensar as concepções de tempo/espaço, interação aluno/professor, metodologia e mediação pedagógica sob novos paradigmas, fundamentados na teoria sistêmica e na complexidade.

4 - Ensino e aprendizagem: Culturas e paradigmas

Por meio do estudo das gerações da EaD, percebemos as diferentes tecnologias utilizadas na formação a distância. Da invenção da imprensa aos MDV3D o objetivo sempre foi propiciar acesso a educação de qualidade para um maior número de sujeitos, independente dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. Mas não foram apenas as tecnologias que perpassaram a história da EaD, mas sim, fundamentalmente as questões culturais e os paradigmas educacionais.

O paradigma dominante, que é o da modernidade, inaugurada por Descartes, de alguma forma ainda influencia nossas ações porque fomos formados sob este paradigma. Bacon afirmou que a natureza deveria ser controlada pelo homem e assim mostrou a superioridade da razão humana sobre a natureza, bem como a sua manipulação em favor do homem. [4] afirma que na modernidade "o rigor científico afere-se pelo rigor das medições.". Assim, a modernidade incutiu no homem a razão instrumental, de que tudo deve ser medido, quantificável.

Relacionando este paradigma com a educação, temos a educação tradicional, fundamentado na concepção empirista, que limita ou inibe o espaço da interação, da discussão da realização de mudanças. Segundo Becker apud [6]

o docente que tem como base essa concepção acredita que a transmissão de conhecimento é o que garante a aprendizagem e o bom desempenho do ensino. Assim, o aluno é entendido como uma “tábula rasa”, em termos de conhecimento, como se a aprendizagem fosse algo de fora, externo ao sujeito. Nesse processo o aluno é passivo e o professor é ativo. Na relação pedagógica o papel do professor é o de transmitir e o do aluno o de receber esta transmissão. [6]

Muitas escolas ainda vivem essa realidade. Como professores, que foram educados sob este paradigma dominante segundo o pensamento moderno, podem questioná-lo e superá-lo? O pensamento quantificável torna-se livre do paradigma dominante/moderno por permitir uma auto-análise porque, segundo [7], "... só a partir da modernidade é possível transcender a modernidade.". Deste modo, a ordem dá espaço ao caos.

É necessário compreender que a educação implica num processo amplo de formação que ocorre em vários espaços sociais, não apenas no espaço institucionalizado para tal fim. Os novos cenários exigem indivíduos com uma formação empreendedora, sustentada no conhecimento. Assim nasce o paradigma emergente onde novas práticas precisam estar presentes na formação de professores, práticas pedagógicas que valorizem a interação, o diálogo, o aluno e seus saberes, e que façam do professor um mediador do processo de aprendizagem.

Neste paradigma emergente, o professor é um facilitador do processo de aprendizagem e cabe a ele questionar, problematizar, apontar direções e formas de construir o conhecimento. Segundo [8] o professor no paradigma emergente ganha novas funções como a de ativador da aprendizagem, articulador da prática, orientador de projetos e especialista. Cabe ao professor segundo [8] repensar suas próprias práticas, pesquisar, desenvolver o diálogo, articular os conhecimentos dos alunos com seus objetivos, selecionar ferramentas que auxiliam na aprendizagem, orientar os caminhos, e acompanhar o desenvolvimento para proporcionar a aprendizagem .

Um professor, tão aprendiz quanto seus alunos, não funciona apenas cognitivamente, por isso, em um ambiente de aprendizagem construtivista, é preciso ativar mais do que o intelecto. A abordagem construtivista, sob uma perspectiva genética, propõe aprender tanto sobre o universo físico, quanto sobre o universo social. Mas é fundamental ativar a mente e a consciência espiritual para aprender muito mais sobre seu mundo interior e subjetivo. [8]

Neste sentido, que na era do hipertexto, a linearidade desaparece, dando lugar ao não-linear, aos caos, à multiplicidade de formas de ensinar e de aprender.

A não-linearidade do conhecimento requer uma mediação pedagógica competente, atenta às diferentes possibilidades de interpretação da realidade que o aprendiz realiza nos processos de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento. [9]

Vivemos no que [10] chama de Sociedade em Rede, esta sociedade começou a tomar formas concretas na década de 70 quando "as novas tecnologias da informação difundiram-se amplamente acelerando seu desenvolvimento sinérgico e convergindo em um novo paradigma".

Na sociedade em rede, o conhecimento está disponível e acessível nos mais diferentes espaços, aumentando cada vez mais, sendo construído pelos diferentes sujeitos a todo o instante. Assim é fundamental para alunos e professores aprender a aprender dentro de um universo de possibilidades.

A evolução do pensamento expresso no rompimento e na formulação de novos paradigmas proporciona refletir sobre uma educação que integra os diferentes saberes. Assim, é preciso tomar consciência de que a educação é um processo a ser construído pelos diferentes sujeitos nos diferentes espaços.

As Tecnologias Digitais Virtuais – TDV's, entram neste processo como ferramentas que auxiliam no rompimento destes paradigmas e a EaD é um

exemplo deste rompimento. Rompe-se com a questão temporal, espacial e hierárquica. O aluno torna-se responsável pela sua aprendizagem e o professor passa a ser um articulador. A discussão, a criticidade e a autonomia são desenvolvidas durante as atividades, é necessário um novo tipo de aluno e um novo tipo de professor.

Portanto podemos dizer que mudanças já estão ocorrendo na educação com o uso das TDV's, apesar de ainda não ser o ideal, é um processo de transformação que já está acontecendo.

Diante da mudança, três atitudes são possíveis: a resistência, que é fundamentalmente uma forma de ignorância, e que só pode causar sofrimento para si e para os outros; a adaptação, que revela ao menos uma forma de percepção a curto prazo e uma certa flexibilidade, mas que não permite o pleno desenvolvimento da autonomia e da capacidade humana de criar sentido, e a criação, que consiste em compreender a dinâmica geral da mudança e orientá-la a serviço de uma visão portadora de sentido. [11]

5 - Repensando o ensino e a aprendizagem

Com o surgimento de um novo paradigma educacional, novas formas de ensinar e aprender tornam-se possíveis. Com a facilidade de acesso à informação, e as possibilidades de interação propiciadas pelas TDVEs, o campo educacional necessita ampliar seus horizontes para poder proporcionar as atuais e novas gerações uma Educação condizente com a mundo em que vivem.

[12] expõe o quadro dos espaços: espaço terra, espaço território, espaço das mercadorias e o espaço do saber. Evidenciando os macro-processos pelos quais a humanidade passou e onde está no momento. No espaço terra, há a relação com o cosmos, onde figura do tempo é imemorial. No espaço do território, a relação é com a propriedade, o endereço, onde o tempo é lento, engendrado pelas operações espaciais de clausura e fundação. No espaço das mercadorias, a relação se dá com a produção e as trocas, o tempo é real, onde os relógios estão todos sincronizados. Já no espaço do saber, iniciado no ano 2000, há um policosmo, uma reapropriação das temporalidades subjetivas, ajustando e coordenando os ritmos. Há a relação com o saber em toda a sua diversidade.

Uma nova ordem se forma, sendo de difícil assimilação, mas inaugurando um novo jeito de ser, de se relacionar, de se expor e de aprender. Neste contexto, a educação busca diferentes ferramentas como as tecnologias digitais e as introduz nos seus processos de ensino e de aprendizagem, o que não necessariamente garante a adesão da escola às novas formas de pensar e de agir, mas torna possível expandir o conhecimento para além da sala de aula, tornando-o parte da rede. Segundo [13]

Estas mudanças não provocam a destruição do que foi anteriormente construído pela escola, mas exigem a superação de ações antagônicas e visões fragmentadas do conhecimento. Não se pretende anular tudo o que a escola já produziu, mas, a partir destas conquistas, realizar uma reestruturação do processo educativo. [13]

Na EAD onde o tempo e espaço entre professor e aluno são diferentes, este paradigma reforça ainda mais o seu potencial. Tanto na formação em educação a distância quanto na formação para a educação a distância, o paradigma da construção do conhecimento, ou seja, da aprendizagem, precisa ser incorporado pelos professores e alunos. É uma

nova atitude, um novo jeito de ser na educação, tanto para o aluno, quanto para o professor. Conforme [13]

Assim, as funções do professor estão alteradas. Sua ação educativa centra-se na construção de um processo educativo alicerçado na interatividade e na criatividade. A sua autoridade não se estabelece de forma unilateral. A nova postura concentra-se no condutor de caminhos, aquele que não dá a palavra final, mas permite e estimula a contrapalavra. Como portador de saberes que continuamente são desconstruídos, não reconhece sua autoridade na imposição do que sabe, pelo contrário, sua presença é marcante porque possui a maestria de provocar discussões, dúvidas e acenar a possibilidade da existência de vários caminhos a serem percorridos. [13]

6 - Mediação pedagógica na EAD

Ao falarmos em educação e mediação pedagógica é inevitável retornarmos aos modelos mentais construídos ao longo de nossas vidas. Somos fruto de uma educação tradicional, onde o professor é o detentor do saber e o aluno um mero espectador com a função de “absorver” o conhecimento. A mediação pedagógica neste contexto ocorre de forma hierárquica, sem considerar a ontogenia do sujeito, ela separa o sujeito do objeto que apenas reproduz a realidade mostrada a ele.

Na educação a distância, perdemos nossos referenciais tradicionais. Alunos e professores estão distantes em tempo e espaço, com acesso direto a um mar de informações que se atualizam a cada segundo. A EAD proporciona um currículo não linear, sem limites. Emerge um novo espaço de convivência, que conforme [14] configura-se através da interação sujeito-sujeito e sujeito-meio. As concepções de professor e aluno modificam-se, o professor perde a imagem de detentor do conhecimento e passa a ter uma função de mediador. O aluno não é mais o sujeito que apenas absorve, ele pode interagir com o objeto de estudo, buscar informações, e construir sua autonomia. Autonomia segundo [15]

Significa ser sujeito de sua própria educação. Autonomia na educação a distância implica o desenvolvimento de sujeitos capazes de definir recursos pedagógicos para o seu próprio processo de aprendizagem e em interações com outros que participem do processo de construção do conhecimento. [15]

Assim, é preciso repensar os paradigmas, as concepções, as metodologias, e as formas de ser e agir como professor. Para dar conta das novas necessidades que surgem com a EAD, o professor necessita buscar o diálogo com seus alunos, com o currículo, com a informação e consigo mesmo. Repensar as práticas significa buscar na sua ontogenia as respostas para as novas necessidades, refletir sobre o ser aluno e o ser professor, na cultura do ensino e na cultura da aprendizagem. Segundo [16],

Refletir quer dizer, ao mesmo tempo: a) pensar, repensar, deixar descansar, imaginar sob diversos aspectos o problema, a idéia; b) olhar o seu próprio olhar olhando, refletir-se a si mesmo na reflexão. É preciso alimentar o conhecimento com a reflexão; é preciso alimentar a reflexão com o conhecimento. [16]

Neste contexto, achamos necessário sair do pensamento reducionista do ensino tradicional e buscar como coloca [5] “um pensamento mais articulado para melhor compreender o sujeito/aprendiz, a sociedade, a natureza, a aprendizagem, o conhecimento, a educação, enfim, a própria tessitura da vida”. O pensamento complexo de [16], procura reagrupar unidade e diversidade, considerando que o sujeito e o objeto fazem parte de um todo, e

que para compreendê-los é necessário olhar para o global e também para a unidade. É um pensamento flexível, aberto ao diálogo, a diversidade de saberes, de experiências e de conceitos, onde um não está sobreposto ao outro: eles se completam.

Com base neste conceito, consideramos que a mediação pedagógica em EAD vai além do estar entre o conteúdo e o aluno, mas é estar junto, dialogando com ambos para construir, criar, e atingir um mesmo objetivo, a aprendizagem. O professor mais do que ter fluência tecnológica, precisa desejar, sentir prazer e estar aberto ao novo, ao inesperado, ao que não foi programado.

Mediar é estar no centro de dois pontos, na EAD é, conforme [9], participar de um processo de co-criação do conhecimento, estando aberto para seguir caminhos diferentes, não planejados, que podem surgir das vivências dos sujeitos inseridos no processo, e estes caminhos, estas decisões, precisam partir das unidades que formam o conjunto, em conjunto e para o conjunto.

7 - Interação aluno-professor / professor-aluno

A distância na EAD não está no aspecto físico ou temporal, mas nos processos de interação que ocorrem entre os sujeitos inseridos no processo. Não temos dúvidas de que o estar distante em tempo e espaço, transforma o ser aluno e o ser professor. Como falamos anteriormente, os modelos mentais construídos ao longo de nossas vidas, precisam ser reconstruídos, repensados. Dentro deste processo é por meio da interação que se pode dar conta desta perda de referências espaciais e fazer com que a prática pedagógica de ensinar e aprender na educação a distância se efetive no contexto de novos paradigmas.

Interação segundo [3] é a ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas. Na atualidade a palavra interação tornou-se comum, somos estimulados a interagir das mais diversas formas e nas mais diversas situações: em mensagens de texto via celular, na televisão interativa, internet, nos ambientes de trabalho, familiar etc. Porém nas ações educacionais, percebemos que os sujeitos não estão habituados com a interação. Como fica então a educação a distância?

Na EAD a interação pode ocorrer de forma síncrona (em tempo real) com o uso de ferramentas como chat, teleconferência, videoconferência ou mundos virtuais, e também de forma assíncrona (em tempo diferido) por meio de fóruns, e-mail, listas de discussão, wiki, etc. sendo aspecto fundamental para que o sujeito se faça presente dentro dos ambientes virtuais de aprendizagem. Conforme [17] a interação com as novas tecnologias digitais pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento mais reflexivo, sistêmico e colaborador com a criação de um novo sistema de relações e nova construção social.

A interação é troca, é agir sobre um objeto e deixar com que ele faça parte de mim, e assim tomar conhecimento de algo novo, é colaboração entre pessoas. Para que a aprendizagem e a mediação pedagógica na EAD tenham significado, a interação é essencial.

É fato que entre as funções do professor na EAD, está a necessidade de provocar a interação entre os sujeitos: aluno-professor, aluno-aluno. Porém acreditamos que existem ainda outros tipos de interação que precisam ser estimuladas, como as interações entre aluno-informação, aluno-tecnologia,

professor-informação, professor-tecnologia e também entre professor-professor.

Estes diferentes tipos de interação em conjunto permitem a construção do conhecimento de forma colaborativa, alunos, professores, informação e tecnologia, entrelaçados e focalizados na solução de dúvidas, na resolução de problemas, na busca da aprendizagem.

É uma rede que precisa ser tecida para dar conta das necessidades que surgem durante as atividades realizadas nos processos formativos na modalidade a distância. Necessidades que vão além de questões de conteúdo, atividades ou relação entre o aluno e o professor, mas também de humanização dos processos de aprendizagem. A interação é natural do ser humano, as descobertas só se tornam significativas quando realizadas por meio da ação e da reflexão sobre a ação.

8 - Considerações finais

Pensar formação de professores é refletir sobre as nossas concepções de educação, é pensar no que, para quem e com qual propósito queremos. No contexto atual da sociedade, onde o acesso a informação é facilitado pelas tecnologias digitais virtuais, o modelo de educação tradicional centrado no professor não atende as necessidades dos envolvidos no processo.

Mais do que ensinar por meio da educação a distância ou para a educação a distância, é importante repensar os paradigmas norteadores de nossas práticas pedagógicas e se estes atendem as necessidades que emergem neste novo contexto onde a EaD está inserida.

Assim temos o professor e aluno como atores principais, sendo o professor o mediador do processo, aquele que estimula, motiva, estende a mão e mostra as possibilidades; e o aluno aquele que questiona, produz, contribui e constrói sua aprendizagem baseado nos seus interesses e vivências.

Entre estes dois atores estão os diferentes tipos de interação. Esta interação dará vida ao processo de formação, proporcionando tanto aos formados **em**, quanto aos formados **para** a EAD, uma visão diferente do conhecimento e da aprendizagem, bem como a construção de uma autonomia e criticidade fundamentais para aprender.

Com base em nossas experiências, reflexões e discussões desenvolvidas ao longo deste artigo, julgamos fundamental que o professor que irá atuar “para” a EaD, vivencie um processo de formação “em” EaD. É por meio da experiência, num processos de ação e reflexão “em” EaD (seja como aluno, monitor, tutor), que este futuro professor desenvolverá as competências e as compreensões necessárias para ajudar os alunos a aprender, instigando para o estabelecimento de relações, provocando a articular entre diferentes conhecimento com o suporte dos ambientes criados como uso das TDVEs.

Participar de um processo formativo a distância exige o desenvolvimento da autonomia e da autoria do sujeito, colaboração/cooperação, numa efetiva parceria entre os sujeitos em ação nessa modalidade de educação. Exige a busca do conhecimento, a reflexão sobre as necessidades de aprendizagem enquanto sujeito participante neste processo. Assim Inseridos neste contexto de formação de professores “em” e “para” a EaD, acreditamos que, a partir do momento em que o docente vivencia esta formação “em” EaD, ele têm a oportunidade de romper paradigmas

educacionais construídos e vividos ao longo de sua vida, e assim efetivar as mudanças necessárias para uma educação a distância de qualidade.

Notas

¹ Ver Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, Decreto 2.494/98, Decreto 2.561/98 Portaria 301/98, Resoluções CNE nºs 1 e 2, de 2001, Portaria nº 2253/2001, Decreto 5.622 de 2005, que regulamenta o Art. 80 da Lei 9394/94-LDB

² O Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB - é um programa do Ministério da Educação, criado em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação e possui como prioridade a capacitação de professores da educação básica. Em <http://uab.mec.gov.br/>

³ É um programa de formação inicial, parceria das Secretarias de Educação Básica, de Educação a Distância e de Educação Superior do MEC, desenvolvido junto às Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, comunitárias e confessionais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=831&Itemid=879>

⁴ Em sete das treze áreas onde comparação é possível no ensino superior, os alunos de cursos a distância superam os estudantes do ensino presencial. Disponível em <http://www.inep.gov.br/superior/enade/>

⁵ Ver decreto nº 5.622 em http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf

Referências Bibliográficas

- [1] GARCIA, A. L. **Educacion a distancia hoy**. Madrid: UNED, 1994, p. 58.
- [2] SCHLEMMER, E. **Metodologias para Educação a Distância no Contexto da Formação de Comunidades Virtuais de Aprendizagem**. In: Rommel Melgaço Barbosa. (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Porto Alegre, 2005, p. 3.
- [3] FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da língua portuguesa**; Marina Baird Ferreira. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- [4] KEEGAN, D. **Foundations of distance education**. Londres: Routledge, 1991.
- [5] VALENTE, C.; MATTAR, J. **Second Life e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias**. São Paulo: Novatec, 2007.
- [6] SCHLEMMER, Eliane. **Metodologias para Educação a Distância no Contexto da Formação de Comunidades Virtuais de Aprendizagem**. In: Rommel Melgaço Barbosa. (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Porto Alegre, 2005, p. 4.
- [7] SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- [8] FAGUNDES, Léa da Cruz; SATO, Luciane Sayuri; MAÇADA, Débora Laurino. Projeto? O que é? Como se faz? In. **Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!** Coleção Informática para a mudança na Educação. Brasília, MEC, 1999, p. 20.
- [9] MORAES, M. C. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes., 2003, p. 209.
- [10] CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- [11] LÉVY, P. **Entrevista**. Revista Pátio Ano V, número 18 AGO/OUT, 2001, p. 29.
- [12] LÉVY, P. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- [13] LOPES, R. P. **Um novo professor: novas funções e novas metáforas** In: Assmann, Hugo (Org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 35-39.
- [14] MATURANA, H. R., Varela, F. J. G. **De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese - a Organização do Vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- [15] SCHLEMMER, E.; BACKES, L. **O Aprender e o Ensinar na Formação do Educador em Mundos Virtuais**. Revista Educare et educare, 2007, p. 12.
- [16] MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- [17] ASSMANN, H. (org). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.